

‘Obra de Angra 3 é uma obviedade’, diz Julio Lopes

Deputado diz não ter dúvidas de parecer favorável do CNPE à continuidade da obra

Por Sônia Paes

“**A** cada mês em que essa obra não é retomada, o Brasil paga mais de R\$ 100 milhões em função de todos os custos envolvendo manutenção de equipamentos”. A declaração foi dada pelo deputado federal Julio Lopes (PP-RJ), presidente da Frente Parlamentar da Tecnologia e Atividades Nucleares, e refere-se às obras da usina Angra 3, iniciadas ainda na década de 80 e paralisadas.

A discussão sobre a retomada as obras da usina nuclear Angra 3 deve ser retomada no próximo dia 18, quando o CNPE (Conselho Nacional de Política Energética) tem reunião extraordinária agendada. O Conselho discutirá a viabilidade do preço da tarifa da usina e, conseqüentemente, se as obras serão retomadas.

- A obra de Angra 3 é um obviedade econômica e eu não tenho dúvida nenhuma da manifestação favorável do Conselho Nacional de Política Energética à sua continuidade. Assim como o Nelson Barbosa, diretor do BNDES, e muitos outros já disseram, a obra será financiada em cima da venda futura de energia. É muito importante que o governo autorize a retomada das obras, porque estou certo de que nada poderá dar ao Rio de Janeiro mais crescimento econômico do que o desenvolvimento de Angra 3 - disse o deputado, com exclusividade ao Correio Sul Fluminense.

Entenda o caso

Em dezembro do ano passado, os integrantes do CNPE, composto por 17 ministros, se reuniram para discutir o assunto, mas não chegaram a um consenso. Na ocasião, o CNPE, presidido por Alexandre Silveira, das Minas e Energia, pediu mais tempo para decidir sobre a eventual retomada de Angra 3.

Na pauta da reunião de dezembro também estava o preço da tarifa previsto na celebração do contrato de energia da usina. O ministro



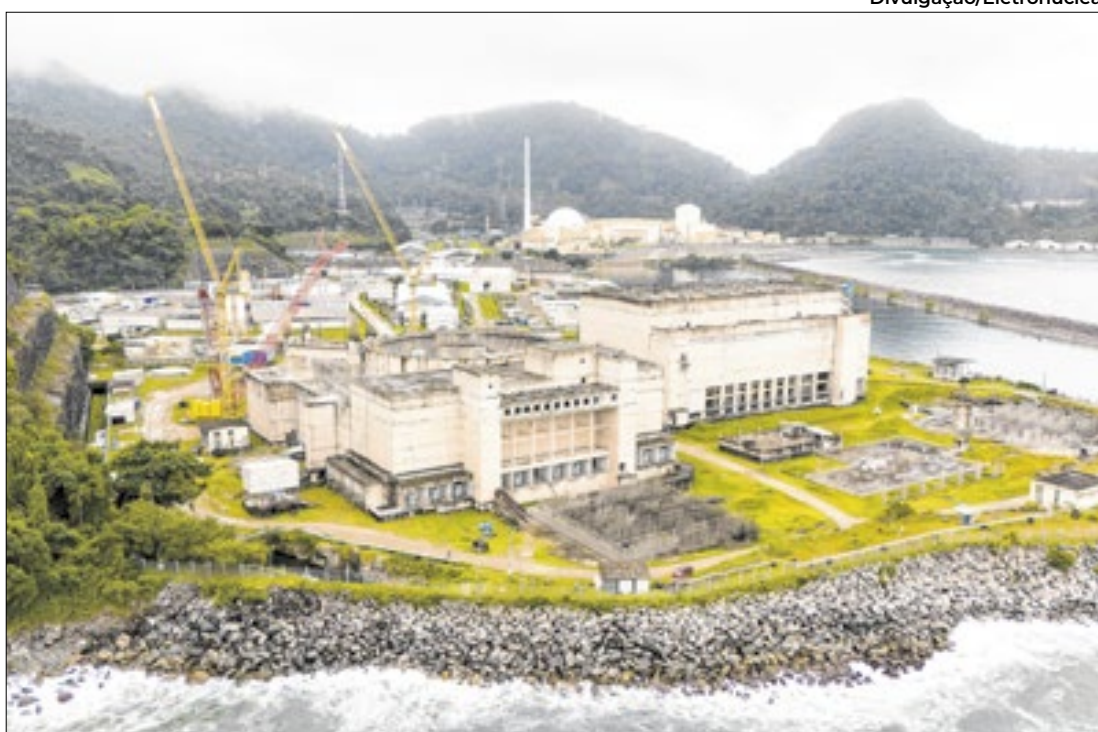
Mário Agra/Câmara dos Deputados

Julio Lopes diz que país paga mais de R\$ 100 milhões em manutenção de equipamentos a cada mês que a obra não é retomada

Divulgação/Eletronuclear

“**Estou certo de que nada poderá dar ao Rio de Janeiro mais crescimento econômico do que a obra da usina nuclear Angra 3”**

Julio Lopes



Eletronuclear diz que operação está normal nas usinas

Alexandre Silveira já defendeu publicamente a continuidade das obras e fez o mesmo na reunião do ano passado. Sem êxito. Após o imbróglio, a previsão era de que a reunião fosse realizada pelo Conselho

ainda em janeiro e agora foi marcada para este mês.

Estudo do BNDES

Estima-se que o custo para abandonar as obras de Angra 3 pode passar de R\$ 21 bilhões.

O dado é fruto do estudo independente, imparcial e aprofundado produzido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) sobre a terceira usina nuclear brasileira. O montante seria

praticamente o mesmo de se concluir o empreendimento, entretanto, sem gerar energia elétrica. A expectativa é que a usina entre em operação comercial em 2031.

O material foi entregue à

Eletronuclear em setembro do ano passado e mostrou a viabilidade técnica, econômica e jurídica do projeto. O mesmo estudo foi enviado pela empresa ao Ministério de Minas e Energia e aos acionistas (ENBPar e Eletronuclear). O MME encaminhou o documento para o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), que decide pela conclusão ou não da usina.

Proposta da tarifa

A tarifa proposta no estudo foi estimada em R\$ 653,31 por megawatt-hora (MWh). Esse valor é similar à tarifa de referência definida pelo CNPE em 2018 (R\$ 480,00, em valores da época, que atualmente correspondem a R\$ 639,00). Já o custo para finalizar a construção de Angra 3 foi avaliado em torno de R\$ 23 bilhões, conforme análise do BNDES. O montante já investido na obra é de quase R\$ 12 bilhões.

O estudo identificou também que cerca de R\$ 800 milhões em equipamentos de Angra 3 foram utilizados por Angra 2. Da mesma forma, entre R\$ 500 milhões a R\$ 600 milhões em combustível nuclear foram utilizados pela segunda usina brasileira, e tinham sido inicialmente comprados para a terceira. Por isso, aproximadamente R\$ 1,4 bilhão será reembolsado pelo próprio caixa de Angra 2. O fato impacta positivamente a competitividade tarifária de Angra 3, segundo o documento.

Sobre Angra 3

A terceira usina nuclear brasileira terá potência de 1.405 megawatts, sendo capaz de produzir cerca de 12 milhões de MWh anuais, caso seja concluída. Se isso acontecer, a Central Nuclear de Angra - que tem mais duas usinas - passará a gerar o equivalente a 70% do consumo do estado do Rio de Janeiro. O empreendimento apresenta, no momento, um progresso físico global de 66%.

***Com informações da Assessoria de Imprensa da Eletronuclear**

INB anuncia novo diretor de Enriquecimento Isotópico

Por Redação

A Indústrias Nucleares do Brasil (INB), responsável pela produção de urânio enriquecido para as usinas nucleares de Angra dos Reis, anunciou a posse do novo diretor Técnico de Enriquecimento Isotópico, contra-almirante Alexandre Siciliano. Ele assume o cargo anteriormente ocupado pelo contra-almirante Marcos Fricks, dando continuidade aos projetos estratégicos da empresa.

A cerimônia que marcou a transição de liderança aconteceu na Fábrica de Combustível Nuclear (FCN), em Resende-RJ. O anúncio foi feito no último dia 31 e divulgado antecipadamente.

O presidente da INB, Adauto Seixas, fez um discurso expressando gratidão e reconhecimento a Marcos Fricks, destacando sua contribuição

para a INB. “Falar do Fricks é difícil. É uma pessoa que se destaca pela técnica, pela competência e por sua transparência”, disse. O presidente mencionou a transformação da empresa e a importância da transição de liderança, ressaltando a continuidade do trabalho. Por fim, desejou sucesso a Marcos Fricks em seus novos desafios.

O ex-diretor, Marcos Fricks, fez um discurso lembrando o trabalho realizado nesses últimos dois anos e cinco meses no comando da diretoria. Destacou os desafios e conquistas desse período, como a superação de metas de produção de urânio. Fricks também enfatizou a importância do apoio da equipe, diretores e colaboradores, além de agradecer às lideranças da Marinha e do governo pelo suporte técnico e institucional. “É um compromisso que



Divulgação/INB

Cerimônia que marcou a transição aconteceu na Fábrica de Combustível Nuclear

tive que manter ao longo desses anos, um trabalho árduo, mas muito proveitoso. Só tenho a agradecer pela oportunidade”, concluiu.

A palavra foi passada ao

novo diretor, que compartilhou sua experiência e reflexões sobre sua trajetória profissional, demonstrando seu interesse e entusiasmo pelo setor nuclear. “Será um desafio, mas podem

ter certeza que eu vou fazer o meu melhor para dar continuidade ao trabalho realizado nesta diretoria”, disse Alexandre Siciliano. Por fim, expressou a determinação em contribuir

para a equipe e continuar seu desenvolvimento profissional na nova função.

O contra-almirante Alexandre Siciliano é graduado em Engenharia Elétrica, com ênfase em Sistemas Eletrônicos, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem curso de formação de oficiais do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, é mestre em Engenharia Elétrica pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), cursou especialização em análise de ambiente eletromagnético, no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e o superior de defesa, na Escola Superior de Guerra. Também tem doutorado em política e estratégia marítimas, pela Escola de Guerra Naval.